Trovas: Canções de Amor

António Florêncio Ferreira



MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Trovas: Canções de Amor

António Florêncio Ferreira

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Vasco Salgado

ANTONIO FLORENCIO FERREIRA

+TROVAS+

+(Canções de amor)+

1906

IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA
29--Rua das Gaveas--31
LISBOA

+TROVAS+

ANTONIO FLORENCIO FERREIRA

+TROVAS+

+(Canções de amor)+

1906

IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA
29--Rua das Gaveas--31
LISBOA

Para satisfazer ao pedido de amigos e corrigir as deformidades que se encontram nalgumas copias, imprimo agora as modestas quadras que

principiaram a ser conhecidas sob o titulo de _Canções d'Amor_, por me ser impossivel publioar de momento o livro que conterá, além das modernas, as principaes composições dos meus volumes de versos, que de ha muito não apparecem no mercado.

Lisboa, 1906.

A. FLORENCIO FERREIRA.

+Trovas+

I

Vês aquelle enterro humilde,
Sem padre, sem cruz, sem nada?
Vês aquell'outro, pomposo,
Do templo a frente enluctada?

O primeiro é d'um honrado;
Talvez o do outro o não seja...
Mas ambos, de igual doutrina,
São filhos da mesma Egreja.

O que me admira e me assombra
É o affecto d'esta mãe,
Que ao rico dispensa afagos
E ao pobre atira o desdem!

II

Moram aqui uns vizinhos
Que sabem quanto fazemos;
São capazes de informar-nos
Se nos devem, se devemos...

Em vindo qualquer pessoa
Nossas tenções inquirir,
Manda-se lá... inteirada
Por certo que ha de sahir!

III

Dizer que Deus dá _Castigos_
Eternos, que não têm fim,
É a maior das blasphemias,
Heresia, quanto a mim...

Se os homens, por maus que sejam,
Tal não podem legislar,
Porque a Morte aos criminosos
Vem da pena libertar,

Querer que Deus os exceda
No rancor e na secura
É de embrenhar nosso espirito
Nuns abysmos de amargura!

IV

Deixemos, Amor, deixemos

Questões de philosophia;
Pode nellas haver sciencia,
Mas não podem ter poesia.

V

Não são vossos meus cantares,
Mulheres que festejei;
Vistes o amor em chimeras?
Nunca illudir-vos pensei!

De que servem esses gabos,
Essa idéa presunçosa?
Esquecestes esta maxima:
«Sê modesta, não vaidosa.»

VI

Peregrina luz da lua,
Como é velho o teu palor!
Mas, como tu, sempre encanta,
Velha embora, a luz do amor!

VII

Oh! consente-me num somno
Dormido ao terno embalar
Da poesia que se evola
Do teu mimoso afagar!

No calor do teu regaço
Que sonhos devêra ter!
Nos braços de huris, de fadas
Mais gôzo não pode haver!

VIII

Meu coração foi sangrado;
Já se não usa a sangria...
Por isso, caso hoje raro,
Elle sangra noite e dia.

Foi operante... quem amo;
A lanceta... o seu olhar;
A ligadura... seus beijos,
Que não tardei a furtar.

E assim elle está gemente,
O meu pobre coração,
Á espera de que mais beijos
O estanquem e ponham são!

IX

Deixa-me num fragil barco
Nas vagas de iroso mar,
Uma vez que nellas ouça,
Mesmo ao longe, o teu cantar!

Lancem-me na horrenda chamma

Da cratera d'um vulcão,
Uma vez que assim o indique
Tua nivea, linda mão!

O morrer por ti é vida;
Que importa viver sem ti?...
Nem sequer um ai sonhaste,
Quando em tantos me exhaurí!

X

Qual viajante nos desertos,
Que nunca a sêde perdeu,
Encontrar em vão procuro
Amor que se iguale ao meu!

XI

Dize que seja ao sol-pôsto
Que me devem enterrar,
Para do sol e das aves
A despedida aceitar.

Quero guardar bem guardados
Esses mimos de ternura,
E dar-t'os quando gelada
Baixares á sepultura.

XII

Em horas tristes minh'alma
Vae ao encontro da tua,
Qual nocturno caminhante
Ancioso da luz da lua.

E fico não sei que tempos
A teu lado, sem saber
Se nessa vida é que existo,
Se na que torno a volver!

XIII

O que fôr da nossa indole
Não se pode anniquilar;
Digam ás rôlas que matem,
Aos lobos que vão rolar...

Consegue-se por semanas
Á inexperiencia mentir,
Mas, ou mais cedo, ou mais tarde,
Bom, ou mau, tem de surgir.

XIV

Tlim, tlim, tlim, tlim, tlim!--Quem bate?
--«O Amor.»--Que pretende?--«Entrar.»
--Vá-se embora!--«Então é gelo
O que a tantos vae queimar?...»

XV

Ai Coimbra, ó minha terra,

Não me encantas! salgueiral,
Estas veias do Mondego,
Tempos idos, nada val'...

Meu coração está longe,
Oh! muito longe d'aqui!
Ella, tão distante, vejo-a!
Ólho, e sempre a vejo a si!

XVI

Meu Amor, estás dormindo,
Não te quero despertar...
Ha de ser devagarinho
Que trovas te vou soltar.

De musgo, lirios e rosas
Uma cama irei fazer;
De jasmins e de saudades
O travesseiro ha de ser.

Quero que vejas nos sonhos,
Lindos, bellos, perfumados,
Os meus olhos, da vigilia,
Tristes, languidos, magoados...

XVII

Como são bellos os campos
Com esta luz verde e ouro!
Que namorados gorgeios!

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com